

## Trabalhadoras de fãbrica têxtil de Mangualde aguardam cartas de despedimento

18-Dec-2007

As cinco dezenas de funcionãrias da fãbrica têxtil de Mangualde surpreendidas sexta-feira por um comunicado que anunciava a cessaãdo de actividade deverão receber, nos prãximos dias, a carta de despedimento que lhes permite reclamar os seus direitos.

A garantia foi dada esta segunda-feira ao coordenador do Sindicato dos Trabalhadores do Sector Tãxtil da Beira Alta, Carlos Joãlo, que falou telefonicamente com a administradora da Anjal - Comãrcio e Indãstria de Fios, Lda., sediada na zona industrial de Mangualde.

Na sexta-feira, as funcionãrias deslocaram-se ã s instalaães para mais um dia de trabalho, mas depararam-se com um comunicado emitido pela gerãncia, a informar que a fãbrica iria ã«cessar de imediato a sua actividade para se apresentar ã insolvãnciaã».

Carlos Joãlo disse ã gãncia Lusa ter avisado a administradora que o comunicado ã«era apenas um documento informativo e que nãlo tinha qualquer validade para as pessoas irem para o desempregoã», pelo que a responsãvel garantiu que ainda hoje iria reunir-se com o advogado para que sejam feitas as cartas de despedimento.

ã«Disse que ou hoje ou nos prãximos dias serei contactado por ela ou pelo advogado para informar que jãi tãam as cartas e para as pessoas se dirigirem ã empresa para as receberã», acrescentou.

O sindicato disponibilizou-se a reunir com a administradora em Famalicãlo, onde esta se encontra, na esperanãsa de ã«tentar ainda encontrar uma soluãdo que permitisse reabrir a empresaã».

ã«A senhora disse que se encontrava connosco, mas avisou logo que reabrir a empresa estava fora de hipãteseã», contou o dirigente sindical.

As funcionãrias tãam em atraso o pagamento do mãas de Novembro.

Segundo Carlos Joãlo, terãlo tambãm de receber os dias de Dezembro atãã chegada da carta de despedimento, o subsãdio de Natal e o de fãrias (que iriam gozar em 2008).

ã«Ela jã disse que nãlo vai pagar nada, que nãlo tinha condiães de pagar fosse o que fosseã», acrescentou.

Neste ãmbito, resta ã«aguardar pelas cartas de despedimento e que a empresa avance para a insolvãncia, para que as trabalhadoras possam reclamar os crãditos e recorrer ao fundo de garantia salarialã».

No comunicado, a gerência da Anjal aludia às dificuldades em que vive o sector, provocadas «pela concorrência de mercados externos, com custos de mão-de-obra muito inferiores» e apontava «sucessivos e graves problemas de qualidade e atrasos reiterados no cumprimento de encomendas», que alegou terem colocado em causa a confiança dos clientes na empresa.

Dizia ainda que a confiança foi «definitivamente prejudicada pela greve que os trabalhadores decidiram empreender desde quinta-feira, sem aviso prévio legal, inviabilizando assim o pontual cumprimento da encomenda em curso».

Carlos João disse acreditar nas funcionárias, que negaram ter feito greve, argumentando que não tinham era trabalho.

Segundo o dirigente sindical, esta situação acontecia com frequência, por falta de encomendas e material e que as trabalhadoras «chegaram a ser mandadas uns dias para casa».

ViseuMais / Lusa